

A incerteza na docência: entre ordens e desordens

CAROLINE KLOSS¹

Resumo

Este estudo teve como objetivo investigar a presença da incerteza na docência a partir de um diálogo teórico-prático. A parte teórica foi constituída a partir dos autores Boaventura de Sousa Santos (2006), Maria Isabel da Cunha (2002), Paulo Freire (1996, 1987) e Edgar Morin (2001, 2005). Já a parte prática foi constituída por relatos reflexivos acerca de um estágio no ensino superior. Os procedimentos metodológicos basearam-se no pensamento complexo (MORIN; CIURANA; MOTTA, 2003), que presume a subdivisão do método em programa e estratégia, tomando como guia o objetivo geral e deixando que as problematizações surgissem no decorrer do diálogo (teórico-prático). A reflexão partiu de três frentes diferentes: 1) o aporte teórico advindo de uma disciplina do curso de mestrado em Educação, chamada “Seminário de Docência no Ensino Superior”; 2) o aporte teórico advindo de leituras para uma pesquisa de mestrado em Educação; e 3) a prática reflexiva de uma experiência de docência no ensino superior. Ao longo do processo, as reflexões estabelecidas evidenciaram a necessidade de mudanças, no que se refere à postura do docente, diante das incertezas profissionais e em outras dimensões, modificando o entendimento de que o ideal é a estabilidade e passando a compreender que as ordens e as desordens fazem parte do real complexo.

Palavras-chave: Docência. Ensino superior. Incerteza. Complexidade.

Uncertainty in teaching: between orders and disorders

Abstract

This study aimed to investigate the presence of uncertainty in teaching, based on a theoretical-practical dialogue. The theoretical part was based on the authors Boaventura de Sousa Santos (2006), Maria Isabel da Cunha (2002), Paulo Freire

(1996, 1987) and Edgar Morin (2001, 2005). And the practical part consisted of reflective reports about an internship in higher education. The methodological procedures were based on complex thinking (MORIN; CIURANA; MOTTA, 2003) which assumes the subdivision of the method into a program and strategy, taking as a guide the general objective and allowing the problematizations to arise during the dialogue (theoretical-practical). The reflection started from three different fronts: a) the theoretical contribution coming from a discipline of the Master's course in Education called Teaching Seminar in Higher Education, b) the theoretical contribution coming from readings for a Master's research in Education and c) the reflective practice of a teaching experience in higher education. Throughout the process, the reflections established showed the need for changes, with regard to the teacher's posture, in the face of uncertainties, both professionally and in other dimensions, changing the understanding that the ideal is stability and starting to understand that orders and disorders are part of the complex reality.

Keywords: Teaching. Higher education. Uncertainty. Complexity.

Incertidumbre en la docencia: entre órdenes y desórdenes

Resumen

Este estudio tuvo como objetivo investigar la presencia de incertidumbre en la docencia, a partir de un diálogo teórico-práctico. La parte teórica se basó en los autores Boaventura de Sousa Santos (2006), Maria Isabel da Cunha (2002), Paulo Freire (1996, 1987) y Edgar Morin (2001, 2005). Y la parte práctica consistió en reportajes reflexivos sobre una pasantía en educación superior. Los procedimientos metodológicos se basaron en un pensamiento complejo (MORIN; CIURANA; MOTTA, 2003) que asume la subdivisión del método en programa y estrategia, tomando como guía el objetivo general y permitiendo que las problematizaciones surjan durante el diálogo (teórico-práctico). La reflexión partió de tres frentes distintos: a) el aporte teórico proveniente de una disciplina del Máster en Educación denominado Seminario Docente en Educación Superior, b) el aporte teórico proveniente de lecturas para una investigación de Maestría en Educación y c) la práctica reflexiva de una experiencia docente en educación superior. A lo largo del proceso, las reflexiones establecidas evidenciaron la necesidad de cambios, en cuanto a la postura del docente, ante las incertidumbres, tanto a nivel profesional como en otras dimensiones, cambiando la comprensión de que lo ideal es la estabilidad y comenzando a comprender que los órdenes y desórdenes son parte del verdadero complejo.

Palabras clave: Docencia. Educación superior. Incertidumbre. Complejidad.

Apresentação da proposta

Este estudo se desenvolveu com base em reflexões e ações refletidas, recursivamente, considerando o aporte teórico e as discussões na disciplina do curso de mestrado em Educação, chamada “Seminário de Docência no Ensino Superior”, meus estudos sobre o pensamento complexo (no mestrado em Educação) e a prática reflexiva da minha experiência como estagiária no ensino superior. Desse modo, a seguir, trago uma breve apresentação dessas três frentes que impulsionaram minha escrita.

O “Seminário de Docência no Ensino Superior” aconteceu durante os três primeiros meses de 2019, proporcionando reflexões e discussões acerca de algumas temáticas importantes no que se refere à docência no ensino superior, tendo como base os autores Boaventura de Sousa Santos (2006), Maria Isabel da Cunha (2002) e Paulo Freire (1996, 1987). Minha turma era composta por profissionais de áreas diversificadas, como Matemática, Psicologia, Enfermagem, Administração e Letras. Essa característica contribuiu para a riqueza das nossas aulas, no sentido de possibilitar que um tema fosse olhado por diversos ângulos. Para este relato, não darei enfoque ao processo de construção dessas reflexões conjuntas, mas as trarei de forma mais sucinta, uma vez que o cerne da reflexão é relacionar tais ideias com a experiência de prática docente.

A segunda frente consiste em meus estudos sobre o pensamento complexo, que se iniciaram em 2018, com meu ingresso no mestrado em Educação. Por meio de leituras de obras de Edgar Morin (2001, 2005), pude perceber nuances diferentes no momento de enxergar a realidade, ou realidades, entendendo a existência de inter-relações, ações em rede, dinamicidades e recursividades. Essa é uma perspectiva que pode ampliar nossa forma de compreender a realidade, na qual estamos vivendo, por isso a considero uma teoria pertinente, especialmente quando colocamos o foco nas práticas educacionais, constituídas por processos complexos.

E, como terceiro ponto, meu estágio no ensino superior se iniciou logo que terminaram as aulas de “Seminário de Docência no Ensino Superior”. Essa prática aconteceu em uma turma da área da Comunicação Social, que era constituída por 10 alunos. A proposta era estudar a temática da sustentabilidade aplicada à área da Comunicação. Meu prin-

cipal vínculo com essa proposta tinha como base reflexões pautadas no pensamento complexo. Então, apesar de a minha área de formação ser na linha educacional, a ideia era expandir, fazendo reflexões e trocas com a comunicação.

Desse modo, motivada pela vontade de relacionar diferentes experiências acadêmicas, minha estratégia metodológica de escrita foi baseada na complexidade (MORIN; CIURANA; MOTTA, 2003), no que se refere à organização dupla de delimitar: 1) o programa e 2) a estratégia em um estudo. Ter um programa significa ter um planejamento das ações: neste relato, tenho o objetivo geral – investigar a presença da incerteza na docência a partir de um diálogo teórico-prático – como orientador para delimitar de que forma a incerteza está presente na docência no contexto em que me coloco, por meio de reflexões teóricas – advindas das aulas da disciplina “Seminário de Docência no Ensino Superior” e das leituras de Edgar Morin para a pesquisa do mestrado em Educação – e de ações refletidas na prática do estágio no ensino superior. Quanto à estratégia, Morin, Ciurana e Motta (2003) consideram fundamental a importância do sujeito pensante que é o pesquisador no processo de condução/aplicação do programa, ou seja, quem faz as relações e toma as decisões a partir do planejado é o pesquisador, pois ele tem autonomia e é inerente ao estudo que produz. Nessa perspectiva teórico-metodológica, neste relato, eu como estrategista tenho a função de focar o programa, organizar as ideias emergentes e ser ativa no processo reflexivo de escrita, tomando sempre a teoria como suporte².

Ordem no conhecimento? Não!

Trago Boaventura de Sousa Santos (2006) para dar início à minha reflexão, com a diferenciação entre conhecimento-regulação e conhecimento-emancipação. Nas palavras do autor: “enquanto no conhecimento-regulação, a ignorância é concebida como caos e o saber como ordem; no conhecimento-emancipação, a ignorância é concebida como colonialismo e o saber como solidariedade” (SANTOS, 2006, p. 155). Isto é, Santos defende a ideia de que a ciência moderna acabou evidenciando o conhecimento-regulação como forma de controle e tentativa de classificar e hierarquizar a realidade a partir de um único padrão. Já o

conhecimento-emancipação ficou menos eminente e está sendo resgatado por pesquisadores pós-modernos, com mudanças de pensamentos, por exemplo, ressignificando o que é ordem.

Nesse sentido, ressignificar o conceito de ordem implica expandir a forma de enxergarmos a realidade, pois, se ficarmos na ideia binária de ordem-desordem, cairemos na associação com bom-ruim ou certo-errado. O que precisamos fazer é entender que a estabilidade aparente contida no conceito de ordem não existe plenamente. Edgar Morin (2005) nos auxilia nessa reflexão ao propor uma forma de compreender a ordem e a desordem em relação contínua, sem hierarquia, mas com certas dependências. Quer dizer, a complexidade da realidade não nos permite medi-la e catalogá-la, pensando em um padrão universal. Existem diversas formas de compreendermos o mundo: pela matemática, pela biologia, pela economia etc. E fazer relações entre as diferentes áreas é o movimento que mais se aproxima dessa realidade complexa.

Portanto, conceber o conhecimento como regulador é se manter no pensamento moderno binário, no qual não saber era visto como problema, e não como possibilidade de mudança. O conhecimento-emancipação pode nos auxiliar a enxergar as possibilidades que temos para chegar ao conhecimento e também o próprio conhecimento como potencializador de transformações sociais.

Aproximando essas ideias da docência, trago Paulo Freire (1996, p. 15) para participar do diálogo:

Por que não aproveitar a experiência que têm os alunos de viver em áreas da cidade descuidadas pelo poder público para discutir, por exemplo, a poluição dos riachos e dos córregos e os baixos níveis de bem-estar das populações, os lixões e os riscos que oferecem à saúde das gentes.

Freire problematiza, justamente, a ampliação da concepção de conhecimento, defendendo o pensamento de que os estudantes que estão na sala de aula também têm condições de contribuir. E em uma relação constante de trocas, docentes e discentes aprendem juntos, desde o planejamento das atividades até o processo de construção do conhecimento, ou melhor, dos conhecimentos (no plural): os saberes curriculares interagem com os não curriculares.

Percebo, neste ponto da reflexão, algumas aproximações da minha experiência como estagiária no que se refere à sistemática da aula freireana.

Identifico que, desde o primeiro encontro com a turma de Comunicação Social, a docente titular conduziu aulas dialogadas e pensadas em conjunto – inclusive com a minha participação nesse processo. Nós³ tínhamos um livro-base, mas a construção das aulas era feita relacionando-o com outros materiais (análise de reportagens, vídeos, aplicativos, websites e artigos), exemplos referentes à área profissional dos discentes, relatos de experiências ou problematizações profissionais mediadas pela docente. Em outras palavras, foi proporcionado aos estudantes um ambiente com pluralidade de recursos para que pudessem dialogar a partir de seus próprios conhecimentos, por meio do artifício que quisessem, sem uma predefinição do que estaria certo ou errado.

E, assim como mencionei anteriormente, que a estabilidade não existe plenamente, também relato como foi a experiência em comparação com a ordem e a desordem, abordadas por Morin. Nessa perspectiva, ao optarmos por praticar a complexidade (como método), abrimos espaço para a incerteza e deixamos a aula emergir. Como já citei, nosso planejamento base ancorou-se em um livro, e, no momento de cada discente apresentar o capítulo que ficou responsável, precisaria problematizá-lo de forma a integrar os colegas à temática da sustentabilidade – pensada complexamente – e a situações relacionadas à comunicação. Esse delineamento seria nossa ordem, porém, da mesma forma como Morin defende, a desordem sempre está presente, em interação. Posso considerar, então, como elementos de desordem: momentos em que os discentes não se envolviam com as tarefas, utilizavam o celular em sala de aula ou não conseguiam estabelecer relações entre o assunto e a futura profissão. Destaco aqui que, considerando a mudança de pensamento, como reforçam Santos (2006) e Morin (2005), não podemos entender que, nessa turma em que fiz o estágio, se tirássemos os elementos de desordem, tudo seria perfeito. O desafio que precisamos encarar como docentes é, justamente, compreender que não é possível darmos as mãos à estabilidade e termos o controle das aulas. O termo “controle” precisa dar lugar à incerteza, como uma estratégia para aliarmos nossa forma de pensar a realidade complexa.

Desse modo, como estratégia para interagir e equilibrar ordens e desordens, reuni-me com a docente titular da turma no início e no final dos encontros para selecionarmos as melhores intervenções de acordo com as situações que surgiam. Um exemplo dessa prática foi a percepção

de que os estudantes estavam dispersos, envolvendo-se com outras tarefas durante as aulas, portanto nossa ação diante disso foi entregar uma frase para cada um, solicitando que a lessem e fizessem um comentário, relacionando-a com as temáticas principais do seminário. Fazendo isso, percebemos o quanto os discentes ainda estavam um pouco presos à cultura de que o professor é quem cobra, e o estudante, quem age passivamente ao que foi orientado, o que lembra a postura bancária, criticada por Paulo Freire (1987), na qual o discente é concebido como algo vazio que precisa receber “depósitos”, feitos por quem tem o conhecimento – o docente.

As desordens da pesquisa

Para contribuir com minhas reflexões sobre a docência, trago as problematizações de Maria Isabel da Cunha (2002) quanto à necessidade da construção do conhecimento pela pesquisa. A autora entende esse movimento como um desafio por causa das concepções equivocadas de que conhecimento é produto e de que existe o controle das aulas por parte dos docentes. Além disso, Cunha destaca que a própria organização curricular, sendo estática e predeterminada, não favorece a abordagem da pesquisa em sala de aula, uma vez que o pressuposto básico da pesquisa é a dúvida. Em outras palavras, a abordagem da pesquisa como método de aprendizagem encontra barreiras em nível social, profissional e institucional – fatores que reforçam as ideias da necessidade de mudanças trazidas pelos autores já mencionados neste estudo: Santos (2006), Morin (2005) e Freire (1996, 1987).

Nesse viés, trago a ideia de que, talvez, o primeiro ponto a ser transformado pela acessibilidade deva ser a postura do profissional que está em sala de aula. Mesmo com suas inseguranças, o docente é quem está em contato com a prática (e teoria) educacional cotidianamente, o que lhe permite testar diferentes estratégias e perceber as eficiências e as ineficiências para ajustar. Porém, para que esses movimentos sejam feitos, é preciso que o educador ressignifique seu papel, saindo da postura controladora de quem supostamente domina todos os assuntos, para uma postura mais aberta e em constante formação. Nesse sentido, o perfil do professor se assemelha à pesquisa, no sentido de considerar a incerteza. Nas palavras de Cunha (2002, p. 83): “O erro e a incerteza é que gabaritam os caminhos

da investigação. Os conhecimentos construídos são sempre provisórios, não há certezas permanentes”. Isto é, a pesquisa é movida pela curiosidade e pela busca, constituindo um processo que não termina, pois, muitas vezes, os resultados de uma pesquisa nos mostram outros caminhos possíveis de se investigar. E o docente, nessa ótica, é quem vai se modificando e sendo modificado continuamente.

Paulo Freire (1996, p. 14) tem uma concepção que vai ao encontro do que estou refletindo aqui, quando escreve:

ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade.

O autor enfatiza as relações de proximidade entre o docente e sua prática, ampliando esse perfil profissional para alguém que educa, faz pesquisa em prol da profissão, mas também é pesquisador e investiga para sua própria formação pessoal.

Pensando nessa ideia de problematizar o perfil docente, acho necessário que consideremos a perspectiva complexa de que “o ser humano é a um só tempo físico, biológico, psíquico, cultural, social, histórico” (MORIN, 2001, p. 15). Isso significa que a concepção complexa amplia a dimensão do docente para alguém que existe de outros modos ao mesmo tempo, além de profissionalmente. Em outras palavras, o docente, no momento em que está na escola, não se desliga de suas outras dimensões: ele é o todo. Por isso que, nessa lógica, podemos considerar coerente o fato de a profissão se mesclar com a vida do educador, como um todo (porque se trata de um todo interligado). Podemos ilustrar essa reflexão pensando em uma cesta feita pelo entrelaçamento de fios. Nessa metáfora, cada um dos fios representa uma dimensão humana (uma função/papel/ação que é desempenhada), e a cesta é o indivíduo: é a cesta toda que passa por experiências, e não apenas alguns fios.

Nesse sentido, destaco algumas percepções que tive como estagiária no ensino superior. Primeiro, retomando a ideia da cesta – do pensamento complexo –, considero que passei por experiências que afetaram todos os meus fios. Logo que iniciei o estágio, o sentimento de insegurança era grande, por estar exposta a uma nova configuração profissional, tanto no que se refere à exposição e ao engajamento como a temáticas e relações bastante distintas das que eu estava familiarizada. Aos poucos, fui me in-

tegrando com a novidade (até que ela deixasse de ser) e fui percebendo conexões entre as áreas da Educação e da Comunicação, sustentadas pelos temas da sustentabilidade e da complexidade. Nesse processo, eu despertei para um mundo que até então estava adormecido: passei a prestar a atenção em notícias sobre empresas, ações ambientais, materiais alternativos e campanhas de mobilizações sociais. Ao final, eu já estava ambientada com a turma e com os assuntos discutidos, além de expandir e levar as problemáticas discutidas nos encontros para outros espaços. Hoje, quando preciso escrever sobre as mudanças planetárias, problematizadas por Edgar Morin (2001, 2005), faço com mais profundidade, pois consegui ampliar minha forma de compreender o tema.

Tentando manter a coerência da reflexão, eu afirmo que, da mesma forma que o estágio me afetou, eu o afetei. Apesar de a docente titular da turma não ter sido eu, nós planejamos em conjunto vários dos encaminhamentos das aulas. Tive espaço para expor minhas ideias complexas sobre a educação – ancoradas em Morin, apresentei minhas análises de reportagens sobre enxergar além do que está posto e compartilhei dicas de documentários referentes à sustentabilidade. Além dessas interferências diretas, percebo que houve influências mais subjetivas, como a instabilidade, algumas vezes, de estar com alguém de outra área (por parte dos estudantes) e de ter alguém observando e interagindo com seu planejamento e sua ação profissional (por parte da docente). Isso só evidencia os pontos que eu trouxe anteriormente: nossa vida é a interação de ordens e desordens, assim como nossa profissão. A incerteza, a dúvida e a insegurança podem ser enfrentadas, se nos colocarmos em postura de pesquisadores. Desse modo, experiências que não saem como o imaginado não receberão a característica de fracassadas, apenas servirão como pontos a serem explorados de outra forma. Freire (1996) contribui para o conceito do inacabamento humano, que reforça a compreensão de contínuo processo de construção de si mesmo. E isso inclui a prática docente: a continuidade e as inúmeras possibilidades que temos é que constituem essa profissão.

Considerações finais: a ordem da incerteza

A necessidade de mudança é um dos pontos que fica mais evidenciado ao final desta reflexão. Com Boaventura de Sousa Santos (2006),

iniciamos o diálogo problematizando os conceitos de conhecimento-regulação e conhecimento-emancipação a fim de colocar em relevo os movimentos que precisam ser feitos para modificar a ideia de que a ordem é o objetivo final e que, apenas a partir dela, teremos a estabilidade, sinônimo de perfeição. Nesse sentido, Edgar Morin (2005) participa da conversa ao reforçar a forte relação que existe entre ordem e desordem, entendendo essa sistemática como constituinte da realidade complexa em que vivemos. Realidade que também é a educação, como foi possível de perceber pelos relatos que escrevi a respeito do meu estágio, com indícios de ordens e desordens fundantes para relações freireanas (FREIRE, 1996) de diálogos interativos, com trocas e construções de conhecimentos (no plural).

Nesse sentido, pensando em mudanças educacionais, apresentei a proposta de iniciarmos com movimentos acerca do perfil do docente. Contribuindo para a ideia, trouxe Maria Isabel da Cunha (2002) e sua visão referente à pesquisa como ferramenta para aprendizagem, porque o que impulsiona, tanto a pesquisa como a aprendizagem, é a dúvida. E a dúvida, no cenário complexo, é um elemento bastante presente, no que se refere ao conhecimento e também às escolhas docentes (teóricas, metodológicas, éticas). Essa característica da incerteza é o que liga a pesquisa com o ser humano multidimensional, que também é educador, pois é por meio dela que acontecem os movimentos de buscas por ser e fazer diferente. Sobre isso, Freire (1996) defende a formação profissional mesclada com a pessoal, da mesma forma que a complexidade (MORIN, 2001, 2005) considera as dimensões humanas como partes de um único todo, ilustrado no exemplo da cesta, que interage em diversos momentos, sendo o todo (a cesta, o ser humano), mas sem deixar de lado cada uma de suas partes (os fios, as dimensões).

Isso significa que não somos apenas uma dimensão, um conhecimento ou uma profissão. Somos múltiplos. E, por possuímos essa característica de termos inúmeras possibilidades de ser, aliada à tradição binária do pensamento moderno, é que temos dúvida, tentamos manter o controle, indo em busca da estimada estabilidade, que não se legitima. Por isso, a principal mudança que podemos fazer é a da nossa forma de compreender a realidade (que nos inclui), porque, expandindo nosso pensamento, aproximamo-nos da complexidade do real. Isso inclui uma abertura para receber as desordens de forma tranquila. Desse modo, como docentes,

podemos tomar a postura de constantes pesquisadores e nos mantermos acessíveis às experiências novas, inclusive como estratégia para evitarmos frustrações e desequilíbrios no nosso todo – ou nossa cesta, para resgatarmos o exemplo.

Submissão: 03/02/2021

Aprovação: 11/05/2021

Notas

1 Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação na Universidade de Caxias do Sul (UCS). Bolsista PROSUC/CAPES. Mestra em Educação e Licenciada em Letras pela UCS. E-mail: klosscarol@gmail.com.

2 “Em seu diálogo, o pensamento complexo não propõe um programa, mas um caminho (método) no qual ponha à prova certas estratégias que se revelarão frutíferas ou não no próprio caminhar dialógico. O pensamento complexo é um estilo de pensamento e de aproximação à realidade. Nesse sentido, ele gera sua própria estratégia inseparável da participação inventiva daqueles que o desenvolvem. É preciso pôr à prova metodologicamente (no caminhar) os princípios gerativos do método e, simultaneamente, inventar e criar novos princípios.” (MORIN; CIURANA; MOTTA, 2003, p. 31).

3 Quando uso o nós é porque me coloco também como docente, uma vez que participei dos processos de planejamento, análise e execução do seminário, muitas vezes analisando, com a turma, alguns materiais e apresentando ideias a respeito do pensamento complexo.

Referências

CUNHA, Maria Isabel. Aula universitária: inovação e pesquisa. *In*: LEITE, Denise Balarine Cavalheiro; MOROSINI, Marília (org.). **Universidade futurante**. 2. ed. Campinas: Papyrus, 2002.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 23. ed. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. 25. ed. São Paulo: Paz e terra, 1996.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

MORIN, Edgar. **Ciência com consciência**. Tradução de Maria D. Alexandre e Maria Alice Sampaio Dória. 8. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

MORIN, Edgar; CIURANA, Emilio-Roger; MOTTA, Raúl. **Educar na Era Planetária**: O pensamento complexo como método de aprendizagem no erro e na incerteza humana. Tradução de Sandra Trabucco Valenzuela. São Paulo: Cortez, 2003.

SANTOS, Boaventura de Sousa. A ecologia dos saberes. *In*: SANTOS, Boaventura de Sousa. **A gramática do tempo**: para uma nova cultura política. São Paulo: Cortez, 2006.